Globethics Repository



A crise da razão e a revanche do irracional [Crisis of reason and the vengeance of the irrational]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Japiassu,Hilton
Publisher	Centro Universitário São Camilo
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-15 05:00:31
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/214493

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2011;5(2):181-185

A crise da razão e a revanche do irracional

Crisis of reason and the vengeance of the irrational
Crisis de la razón y la venganza del irracional

Hilton Japiassu*

RESUMO: Este estudo argumenta sobre a crise da razão enquanto esta é reduzida ao conhecimento tecnocientífico, e transformada ao mesmo tempo em instrumento do poder e em interpretação unidimensional das realidades. Abandona-se o caráter sensível do mundo, e com ele os sentimentos e paixões da subjetividade. Ao reduzir o conhecimento às informações, substitui o encanto e as utopias, pelo impositivo consumo de emoções. A revanche do irracional desponta com o sentimento sobre a violência destrutiva desse processo. Com sinais palpáveis de fanatismo, integrismos e fundamentalismos, torna-se hoje aguda pela busca de tudo aquilo que tem sido proscrito ou reprimido pela razão como ciência. A autocrítica da razão sobre seu reducionismo à tecnociência seria um indispensável caminho para a superação construtiva da presente crise.

PALAVRAS-CHAVE: Ética. Biotecnologia. Seres Humanos.

ABSTRACT: This study discusses the crisis of the reason, which reduces it to technical-scientific knowledge and at the same time transforms it into an instrument of power and one-dimensional interpretation of reality. The sensible character of the world is abandoned, and with it the feelings and passions of subjectivity. By reducing knowledge to information, the crisis substitutes the imposing consumption of emotions for the enchantment and utopias. The vengeance of the irrational blunts with a feeling of the destructive violence of this process. With concrete signals of fanaticism, integrism and fundamentalism, become today acute due to the search of everything what has been prohibited or restrained by reason reduced to science. The self-criticism of reason on its being reduced to techno-science would be an indispensable way for the constructive overcoming of the present crisis.

KEYWORDS: Ethics. Biotechnology. Humans.

RESUMEN: Este estudio discute la crisis de la razón, que la reduce al conocimiento técnico-científico y al mismo tiempo la transforma en un instrumento del poder y de la interpretación unidimensional de la realidad. Se abandona el carácter sensible del mundo, y con él las sensaciones y las pasiones de la subjetividad. Reduciendo el conocimiento a la información, la crisis substituye el encantamiento y las utopías por la disipación imponente de las emociones. La venganza del irracional trae una sensación de la violencia destructiva de ese proceso. Con las señales concretas del fanatismo, del integrismo y del fundamentalismo, hoy agudas debido a la búsqueda de todo lo qué ha sido prohibido o refrenado por la razón reducida a la ciencia. La autocrítica de la razón en su reducción a la tecno-ciencia sería una acción imprescindible a la superación constructiva de la actual crisis.

PALABRAS-LLAVE: Ética. Biotecnología. Humanos.

Ainda é frequente se apresentar a atividade científica ao grande público como estritamente racional e objetiva. A ideologia cientificista a vem fundando em três artigos de fé: a) a Ciência é o único saber verdadeiro ou, pelo menos, o mais verdadeiro dentre todos o saberes, porque racional, metódico, fundado nos fatos...; b) a Ciência é capaz de resolver todos os nossos problemas teóricos e práticos, desde que colocados corretamente, quer dizer, de modo racional; mas se não conseguir resolvê-los hoje, promete que, com o progresso da ciência, chegaremos lá (não creiam em outra coisa); c) compete aos "Expertocratas" ou "Tecnocientocratas" o cuidado exclusivo de dirigirem os negócios humanos e sociais, posto que somente eles sabem o que é verdadeiro em todos os domínios, claro que lhes cabe dizer o que é bom e justo nesses domínios.

Um fosso intransponível separaria a racionalidade científica do domínio maldito do irracional: o recurso aos fatos e a métodos estritamente lógicos bastaria para se produzir saberes autênticos. Em uma sociedade dominada pela tecnociência, entregue ao culto do rendimento e à tecnocracia, é compreensível a preocupação em se garantir o primado do racional. No entanto, o puritanismo racionalista corre o risco de dissimular a profundidade e a multiplicidade das relações que unem o mundo da ciência ao da religião e, mesmo, da magia e da superstição.

Pensadores pouco suspeitos vêm alertando: as teorias e os conceitos científicos frequentemente mergulham suas raízes em crenças e especulações arcaicas e fantásticas. Para compreendermos esse fenômeno, analisemos A crise da Razão. Por "crise da Razão", leitmotiv filosófico do

* Doutor em Filosofia pela *Université des Sciences Sociales de Grenoble* (França). Professor aposentado da UFRJ, responsável pelas disciplinas Epistemologia e História das Ciências. E-mail: japiassu@domain.com.br

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2011;5(2):181-185

século XX, mostrando o desmoronamento do ideal das Luzes, de uma Razão triunfante, portadora de progresso e emancipação, devemos entender ainda:

- a perda de confiança na racionalidade como regra e meta de pensamento e ação
- a revanche do irracional nos comportamentos individuais e coletivos
- a difusão do fanatismo político e religioso manifestando-se nos mais diversos integrismos e fundamentalismos
- a transformação dos princípios explicativos em um mundo onde perdem sua autoridade as grandes estruturas socializantes que deixam de ser portadoras de esperanças: os projetos históricos não mais mobilizam.

Desde Pascal sabemos que a Razão tem suas razões que a Razão desconhece: as razões do Coração. Mesmo assim, precisamos dela para a construção de uma ponte entre as "coisas" do coração e as da razão: "A última démarche da Razão consiste em reconhecer que á uma infinidade de coisas que a ultrapassam... Há duas extravagâncias: só admitir a Razão, ou excluí-la" (Pascal). Depois do fim das utopias, precisamos do humanismo das Luzes como o melhor solo intelectual e moral para construirmos nossa vida em comum. E para demonstrar que a Razão possui limites, não é onipotente e pode delirar ou enlouquecer. Se não podemos escapar da Razão, compete ao filósofo definir as regras de seu bom uso. Porque os adversários tradicionais das Luzes são o obscurantismo, a autoridade arbitrária, o fanatismo e o integrismo. Os homens sentem muito mais necessidade de buscar segurança e consolo do que liberdade e verdade; pretendem mais defender os membros de seu grupo do que aderir aos valores universais; e aderir a argumentos de autoridade do que à autoridade dos argumentos.

A consequência do abandono dos ideais das Luzes? O cientificismo, o individualismo, a dessacralização radical, a perda de sentido, o relativismo e o niilismo. Donde nossa questão: existiria apenas uma razão, o que os ocidentais chamam de "a Razão"? Ou poderíamos falar de razões no plural? Claro que só há uma, caso contrário não teriam validade as leis científicas. Mas ela se exprime em formas diversas. O singular da Razão não é incompatível com o plural das racionalidades: formas de nosso espírito criar estruturas lógicas para aplicá-las ao mundo real e com ele dialogar. O que é particular ao Ocidente é esta forma de racionalidade denominada racionalismo: a crença segundo a qual todo objeto só pode ser pensado e resolvido pelo bom uso da Razão. Tanto pode ser:

- uma visão de mundo afirmando o perfeito acordo entre o racional (coerência) e a realidade do universo: excluindo todo irracional, as emoções, os sentimentos, as necessidades, as paixões, numa palavra, a subjetividade;
- quanto uma ética afirmando que as ações humanas e as sociedades podem e devem ser racionais em seu princípio, sua conduta e sua finalidade. Em suma, consiste no fato de se erigir a Razão em sistema absoluto promovendo um cientificismo declarando que a Ciência constituiria o único caminho suscetível de conduzir-nos à Verdade, que "fora da Ciência não há salvação" (da Igreja, dizia santo Agostinho).

Se levarmos em conta que a atitude científica sempre desempenhou um papel importante no diálogo entre o real e o possível, perceberemos que o século XVII teve a grande sabedoria de proclamar: doravante, a Razão constitui um instrumento necessário para tratar e resolver todos os negócios humanos e sociais. É proclamada sua autonomia. Doravante, o Sujeito humano conhece por si mesmo. Contrariamente à inteligência, esta aptidão estratégica de pensar, tratar e resolver problemas em situações de complexidade, a Razão não um dado natural ou inata, mas um conjunto historicamente construído de procedimentos de cálculo e coerções permitindo-nos operar segundo regras. O século das Luzes cometeu a loucura de pensar: a Razão, não somente é necessária, mas suficiente, bastando a si mesma. Será que não estaríamos incorrendo em uma loucura ainda maior quando, a pretexto de reconhecermos a insuficiência e os limites da Razão, muitos já estão afirmando que ela se torna desnecessária?

O processo de autodestruição da Razão é bastante recente: começou quando perdeu seu caráter revolucionário e emancipador que detinha na época das Luzes, quando constituía uma força de libertação contra a religião, a superstição e as crenças mágicas e se transformou em um instrumento de poder, de submissão das massas e uniformização das condutas; começou quando se converteu em razão instrumental e passou a impor-se como concepção unidimensional, a conceber-se e apresentar-se como racionalização ditatorial e totalitária: como concepção intrinsecamente lógica, não correspondendo a

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2011;5(2):181-185

nenhuma realidade empírica. Começa a se enlouquecer quando se torna ao mesmo tempo instrumento do poder e da ordem e se converte em fim do poder e dos poderes. Em outras palavras, quando a racionalização, sem deixar de constituir um instrumento dos processos bárbaros de dominação, passou a instaurar e a justificar uma ordem racionalizadora na qual tudo o que a perturba deve ser considerado criminoso, demente ou subversivo. Porque o discurso do Poder é claro: "ou eu estou certo, ou você está errado"; "se der cara eu ganho, se der coroa você perde".

Nessa lógica, não só se produz uma burocracia para a sociedade, mas uma sociedade para a Burocracia; não só se produz uma tecnocracia para o povo, mas um povo para a tecnocracia; não só se produz um mercado para o consumidor, mas um consumidor para o mercado, etc. E a loucura se instala quando esse processo bárbaro de racionalização irracional se converte em processo que conduz à morte. Por isso, devemos lutar contra a deificação da Razão, para transformá-la em nosso mais eficaz instrumento de conhecimento. Contanto que a tornemos crítica e autocrítica, porque tanto delira a incoerência absoluta quanto a coerência total. Não nos esqueçamos de que o espírito que sempre termina por dizer Sim, torna-se dogmático e adormece; ora, pensar é dizer Não!

Sabemos que o modelo galileano de Ciência sempre pôs de lado as qualidades sensíveis do mundo. Para conhecermos o verdadeiro ser do universo, precisamos abandonar nossas sensações e impressões, nossos desejos e afetos: o que é subjetivo. Porque o universo seria construído apenas de corpos materiais extensos, podendo existir sem que lhe atribuamos nenhuma qualidade e ser concebido apenas pelo poder de uma Razão apta a dominá-lo, a tornar-nos seus mestres e possuidores. A realidade das coisas fica reduzida às suas determinações ideais. É abandonado inteiramente o caráter sensível desse mundo onde vivemos, fazendo dele um mundo humano e da vida que podemos propriamente conhecer, quer dizer, dele nos apropriar para sobre ele exercer um poder: Saber é Poder.

O problema que se põe é o seguinte: não estaria esse reprimido ou recalcado voltando à tona? Não estariam querendo manifestar-se essas determinações invisíveis? Não estamos assistindo a uma revanche do irracional? A uma onda de crítica à raciomania que se instaurou com a revolução científica moderna? Não corre essa crítica o risco de converter-se em uma verdadeira misologia (ódio ou hostilidade à Razão)? O ponto de estrangulamento dessa aversão se manifesta no jogo da Ciência e de seu Outro, vale dizer, do Saber e do inconscientemente sabido. Esse "Outro" é o Oculto da própria Ciência, aquilo que não está revelado ou que por ela foi sistematicamente proscrito, reprimido ou recalcado.

No fundo, trata-se da subjetividade, frequentemente identificada com o irracional e o passional. A esse respeito, dizia Espinoza: "Se os homens tivessem o poder de organizar as circunstâncias de sua vida ao sabor de suas intenções, ou se o acaso lhes fosse sempre favorável, não seriam presas da superstição". Essas doutrinas nas quais os homens se convencem de que a natureza "com eles delira" são devidas à condição humana mesma, à fraqueza dos seres humanos que são movidos, não tanto pela Razão, mas por seus desejos e suas paixões, ficando angustiados entre a esperança e o medo em um mundo que não mais lhes oferece nenhuma garantia de um sentido previamente dado.

Estamos assistindo a uma onda de comportamentos e atitudes irracionais e desencantados em relação à política e ao crescimento do ceticismo face aos valores fundamentais da modernidade. Estaríamos dando Adeus à modernidade, à Razão? Quem acredita ainda que "todo real é racional e que todo racional é real"(Hegel)? Que esperança podemos depositar no projeto da Razão emancipada, quando sabemos que orientou-se para a instrumentalidade e a produtividade? Que projeto de felicidade pessoal pode proporcionar-nos um mundo crescentemente racionalizado, calculador e burocratizado, acreditando que tudo tem seu preço e colocando no centro de tudo o econômico-financeiro submetido ao jogo cego do mercado? Como pode o homem ser feliz no interior da lógica do sistema, onde só tem valor o que funciona segundo previsões, seus desejos, paixões, necessidades e aspirações passando a ser racionalmente administrados e manipulados pela lógica da eficácia econômica que o reduz ao papel de simples consumidor?

Nesse mundo do desabrochar do consumo e da comunicação de massa, desaparecem as normas autoritárias e disciplinares e prevalece um individualismo exacerbado. Nele são consagrados e enaltecidos o hedonismo e o psicologismo e se perde a fé em um futuro revolucionário e na esperança. Ademais, são desqualificadas totalmente as paixões políticas e toda espécie de militantismo, e desacreditadas todas as utopias futuristas da modernidade. O que nos resta? O hedonismo individualista que, minando as instâncias tradicionais de controle social e evacuando

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2011;5(2):181-185

do campo social toda transcendência, priva os indivíduos de seus referenciais tradicionais e os mergulha em um relativismo deixando livre curso às mais extravagantes e exóticas elucubrações fantasistas. Donde não ser de se estranhar a proliferação das seitas que seduzem os indivíduos e promovem o retorno do paranormal. Há toda uma cultura hedonista e psicologista incitando à satisfação imediata das necessidades, estimulando a urgência dos prazeres, incensando o desabrochamento de si, colocando em um pedestal o paraíso do bem-estar, da autoestima e dos lazeres: consumir sem esperar, viajar, se divertir, não renunciar a nada. O que importa é o aqui e agora, ter um presente, senão alegre e feliz, pelo menos eufórico, com ajuda farmacológica.

Nesse mundo desencantado, dessacralizado, dominado pelo Instrumental e pelo Funcional, onde o homem perdeu toda concepção unitária e de totalidade do mundo, inteiramente concebido segundo uma visão objetivista, onde irá encontrar as melhores razões ou motivos para viver? E as respostas para suas inquietações existenciais? Nesse mundo dominado pelo monoteísmo do mercado, onde o indivíduo livre e soberano é reduzido a uma marionete realizando espasmodicamente os gestos que lhe impõe o campo sociocultural (ganhar dinheiro, ser reconhecido, consumir e "gozar"), quem irá despertá-lo do sono dogmático da apatia, da indiferença, do cinismo, do ceticismo e do cansaço utópico-político? Não lhe restaria apenas o destino, essa divindade identificada com um poder mais ou menos personificado governando tudo o que existe no universo e determinando uma vez por todas o curso geral dos acontecimentos e da história humana? Existir, para ele, não significaria apenas ser pressionado pela urgência do tempo, em um mundo onde não sabe mais quem é, o que pode pensar e fazer, embora se veja obrigado a inventar algo para fazer e sobre o que pensar a fim de dar-se a ilusão de ainda ser livre?

Em um mundo onde a Razão se transforma em uma racionalidade instrumental prestando culto aos meios em detrimento dos fins, só podem ocorrer um desencanto com a Razão e o advento do niilismo pregando a ruína dos valores consagrados e exaltando o desabrochamento dos instintos de vida e da vontade de poder, para "além do bem e do mal". O capitalismo atual, ao entronizar o Mercado como seu único Deus, e ao considerar cada um de nós como mercadoria, polui e prostitui o mundo, pois compra a beleza, mercantiliza a inteligência, transforma a cultura no que se vende, amesquinha a vida humana, mediocriza as massas e corrompe as elites pela cobiça por posse e *status*. Ao estimular o consumismo, favorece a obesidade mórbida e o hedonismo: o fundamental é ter. O homem se esquece de sua alma. Aliás, nem precisa dela. O velho Sócrates já perguntava: queres ser feliz? Cuida de tua alma: sejas bom, honesto e justo! Hoje os valores são medidos em dinheiro, identificados em etiquetas de preços, tratados como objetos de consumo e julgados pelo volume de prazer que oferecem em termos de seu "valor monetário". A solidariedade é a primeira vítima do sucesso do mercado consumidor. Ora, a dignidade não tem preço!

O que se pretende é construir um mundo onde seja possível a expansão de todas as criatividades e onde possam conviver todas as pluralidades. Busca-se valorizar uma nova episteme: da indeterminação, da descontinuidade e do pluralismo não aceitando mais nenhum tipo de dogmatismo, pois é gerador de violência. É dogmática toda afirmação admitida (sem prova) como absolutamente verdadeira. Uma crença não crítica, sem uma boa razão. No fundo, a violência e o assassinato cometidos por motivos individuais desempenham apenas um papel insignificante no curso da História. O que matou e mata milhões de pessoas é a convicção de possuir a verdade e a vontade de impô-la aos outros. O homem ocidental matou em nome de Deus, em nome de princípios nazistas, estalinistas e até científicos (racismo). Sempre matou em massa para defender princípios religiosos ou ideológicos. Não nos esqueçamos do que já dizia Pascal: o mal mais completo e realizado com maior entusiasmo é aquele cometido por convicção religiosa!

Por outro lado, o homem de hoje tende a recusar os megarrelatos, as grandes sínteses filosóficas, políticas, ideológicas e religiosas que tanta segurança lhe forneceram em um passado ainda recente. Esses grandes relatos, que funcionavam como freios institucionais, ao desaparecerem, deram vazão ao atual individualismo que nos domina. Propunham-nos uma visão integrada e coerente do mundo (cosmovisão), forneciam-nos uma explicação total para todos os aspetos da realidade, faziam-nos aceitar as normas regulando as condutas e os comportamentos, davam coesão aos grupos humanos e legitimavam o sistema de valores. Frequentemente confundidos com visões objetivas da realidade, tinham a vantagem de fornecer um sentido, uma orientação e um guia para os indiví-

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2011;5(2):181-185

duos. Chegavam mesmo a propor-lhes uma "salvação". Sem nos esquecermos de que o surgimento dos meios de comunicação de massa foi determinante para o processo de dissolução desses pontos de vista centrais ou grandes narrativas. Converteram-se em poderosos instrumentos de manipulação e alienação de essência totalitária cuja finalidade seria a justificação da ordem estabelecida, o conformismo generalizado e a padronização das formas de pensar, agir e sentir. Têm um poderoso papel normalizador e massificador.

Contra esses universalismos disciplinadores, insurgem-se os que defendem os contextos locais, a heterogeneidade das formas de vida, as particularidades dos modos de ser e pensar, uma ética das circunstâncias e uma autonomia moral em relação às normas universais. O grande perigo é o de tal situação favorecer e promover um ingênuo anarquismo liberal, promover uma profunda aversão à política e conduzir os indivíduos a uma apatia social, mesclada com um pluralismo neoliberal típico das sociedades de consumo. Sem falarmos do fato de a mídia ter-se convertido no elemento decisivo de uma explosão e multiplicação generalizada de visões de mundo fragmentadas. Ela hoje se vê obrigada a adotar a lógica da moda, a inscrever-se sob o registro do espetacular, do fantástico, do superficial, do fútil e do consumo de emoções, só valorizando a sedução e o divertimento em suas mensagens. Diminui ou atrofia cada vez mais o raciocínio pessoal: a reflexão e a discussão são substituídas pelo consumo de informações que pouco informam. Bourdieu já dizia que a opinião pessoal é um luxo. O grande risco que correm as novas gerações é o de se tornarem obesas de informação e anoréxicas de conhecimento.

No plano do Absoluto, o que representam o atual desencanto com a Razão e a negação de todo fundamento e de toda certeza? A aceitação mesma da "morte de Deus", de um Deus-Fundamento último da estrutura de uma metafísica absoluta da realidade. Razão pela qual torna-se novamente possível se crer em Deus. Claro que quase não existe mais quem reivindique um ateísmo militante. O fim da metafísica e a morte do Deus moral liquidaram as bases filosóficas do ateísmo. O que se busca é uma forma de niilismo positivo afirmando-se pela exaltação dos novos valores da vida. O que não deixa de ser importante, não só para se purificar o conceito mesmo de Deus, mas para se elaborar uma crítica dos ídolos. De um modo geral, o Deus do homem atual não é mais o "Deus dos filósofos e dos sábios". Tampouco um Deus pessoal, mas uma Divindade que se encontra para além de nossas representações e de nossos conceitos. Na prática, confunde-se com uma espécie de Absoluto mistério, energético ou cósmico manifestando-se nas experiências individuais do "conhecimento" místico, esotérico ou oculto e exaltando certo maravilhosismo e certo experimentalismo.

A crítica e a negação da Razão servem de pretexto para se ter acesso ao "mistério" ou "profundo". Só tem valor o "conhece-te a ti mesmo" socrático. Por viverem afogados no presente, os indivíduos são ao mesmo tempo mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideologizados e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos. A desagregação do mundo da tradição não é mais vivida sob o regime da emancipação, mas da crispação. É o medo que prevalece e domina face a um futuro incerto, a uma lógica da globalização se exercendo independentemente dos indivíduos, a uma competição liberal exacerbada, a um desenvolvimento maluco das tecnologias da informação, a uma precarização do emprego e ao aumento do desemprego. Narciso está mergulhado na inquietude. O medo se impõe ao gozo. A angústia se impõe à liberação. A obsessão de si se manifesta menos na febre do gozo que no medo da doença e da idade, na medicalização da vida: na depressão. Narciso está aterrorizado pela vida cotidiana: tudo o apavora. Nesse contexto, o grande risco é o de cairmos na tentação do consumismo frívolo de sensações; de aceitarmos uma religiosidade *à la carte*, o "religioso" se convertendo em um esteticismo gustativo das realidades misteriosas, energéticas, ocultas ou esotéricas, implicando a aceitação de certa idolatria ou panteísmo gnosticista e a busca frenética por uma felicidade angustiada, repleta de insaciáveis prazeres privados, mas por sua vez quase sempre provocados por meios ou estimulantes artificiais.

Recebido em: 2 de março de 2011.
Aprovado em: 25 de março de 2011.